

# Doutor sem primário

*Mamede Paes Mendonça virou ícone de uma época e sinônimo de supermercado em Salvador*

Reprodução/Evandro Veiga

**C**omo todo milionário, era daco a extravagâncias. Mas suas extravagâncias eram todas ao contrário. Começavam de manhã, na garagem. Para sair de casa, ele dependia do

estado de saúde do seu velho automóvel Dodge Dart, que estava com os dias contados. O calhambeque já tivera alguns enfartos e não agüentava su-

bir uma ladeira mais íngreme sem tossir fumaça.

Quando tudo corria bem, aquele homem chegava ao escritório, de paletó e gravata. Logo substituiu o sapato social por um par de chinelos velhos — e aí de quem os escondesse. Em seguida, a secretária lhe dava bom-dia, e trazia uma pilha de papéis impressos para ele assinar. Mas ele se recusava. Odiava computador e queria que os textos fossem datilografados à máquina. Mas a secretária era mais esperta: poupava seus dedos de uma jornada dupla, imprimindo outra cópia no computador, com uma letra bem parecida com a da máquina. Mamede não percebia a fraude inofensiva, e assinava os papéis. Sua caligrafia era feia — e não era letra de médico. Pelo contrário, ele sequer havia terminado o curso primário.





Difícil acreditar que esse homem foi o pai da maior rede de supermercados da Bahia. Em seus tempos áureos, teve mais de cem lojas espalhadas pelo Brasil. Sua rede de supermercados chegou a ser a segunda maior em faturamento do país. Na Bahia, ele grafou, em cada bairro, o sobrenome outrora anônimo: "Paes Mendonça". A força do império era tão grande que, por muito tempo, a expressão "Paes Mendonça" virou metonímia, e passou a substituir "mercado". Mamede veio de Se gipe como mais um imigrante, e destacou em néon seu próprio nome.

Não foi à toa que ele recebeu, das mãos do então deputado Luís Eduardo Magalhães, em 1983, o título formal de cidadão baiano, conferido pela Assembleia Legislativa, e também o título de cidadão de Salvador, dado pela Câmara Municipal. Já era filho adotivo da terra desde muito antes. E soube retribuir à altura a distinção. Afinal, como ele mesmo dizia, a gratidão era a virtude que não podia faltar num homem. Graças a Mamede Paes Mendonça, os supermercados se espalharam pela cidade. Ocuparam desde os bairros chiques às bocadas de periferia, onde apareceria não apenas perigosos saqueadores de caixas, mas também aqueles pais de família que escondiam um saco de feijão por entre a blusa, porque lhes faltava comida em casa.

Ele nasceu em 1915. Sempre dizia que, se tivesse nascido nos tempos de hoje, nunca teria conseguido deixar de plantar mancooca em Serra do Machado. Talvez seja mesmo verdade, num mundo em que a genialidade de berço assusta os que já estão contratados, e os setores de recursos humanos insistem em ignorar talentos para premiar inutilidades num currículo. Qual o problema de Mamede só dominar as quatro operações básicas se, como ninguém, ele multiplicava e elevava à potência tudo que tocava? Ele nem completou o primário, e sabia muito bem que a vida ensina mais que as teses das universidades. Talvez fosse por isso que, com seu jeito maruto, ele chamasse a todos de doutor: desde um médico ilustre a um humilde funcionário do seu escritório.

Seu jeito era inacreditável. Quando faltava a uma missa no domingo, assistia a duas no domingo seguinte. Acreditava que os comunistas comiam criancinhas — com garfo e tudo, quem sabe. Driblava a presença incômoda dos seus próprios guarda-costas, e dizia que não via nenhum problema em ser seqüestrado. "A gente faz negócio com o seqüestrador". Distribuía as

inesquecíveis cademetinhas de Paes Mendonça até mesmo aos donos das empresas mais importantes. Fazia coisas surreais, como pedir a um grupo de amigos que se levantasse da mesa de restaurante lotado no momento da sobremesa, e assim ele podia almoçar. Ninguém se opunha. As pessoas comiam a sobremesa e tomavam o cafezinho em pé, sem reclamar. Em troca, Mamede avisava ao garçom: "A sobremesa e o café deles eu pago, porque comem em pé por minha causa".

Com uma personalidade peculiar e sem arestas, Mamede trouxe não apenas uma injeção de ânimo à economia baiana. Trouxe toca uma graça ao mundo empresarial, tão insosso e pasteurizado. Também trouxe a sabedoria popular à área de administração, um pouco antes desse curso superior se tornar um produto tão vendável quanto qualquer outro que entulha as prateleiras dos supermercados.

Mamede levou também a sua inteligência não lapidada até a Universidade de São Paulo (USP). O livro *História empresarial vivida*, publicado em 1988, traz uma co etânea de depoimentos do empresário. É um livro interessantíssimo, em que um homem pouco estudado ensina aos doutos de administração qual é o melhor modo de fazer negócios.

A fórmula até parece fácil. Todas as suas compras aconteciam à base de muita barganha e pechircha — e quase sempre, seu adversário saía rendido. Mamede vivia dizendo que o bom negócio era bom para os dois lados, mas sabia impor seu posicionamento, misturando contundência e jogo de cena com um jeito debochado

e grandes tiradas. O administrador e professor Raymundo Dantas que o diga. "Mamede me chamou para trabalhar com ele. Eu não queria. Tivemos quatro horas de papo. Até hoje não consigo entender porque mudei de idéia e saí de lá contratado". Como diz Raymundo, foram 15 anos de aprendizado.

Outro segredo de Mamede: ele costumava dizer que, economicamente, era muito melhor vender cem unidades com 1% de lucro que 50 unidades com 2% de lucro. E, com essa lógica, construiu uma imbatível fama de barateiro. Em 1996, por exemplo, vendia pão a R\$0,03. O preço médio era de R\$0,10. Foi por isso que, durante muito tempo, nenhum outro supermercado ousou pisar na Bahia. O terreno já estava muito bem marcado.

Apesar de toda sua inteligência, havia coisas que Mamede não compreendia. Não entendia como alguém, cuja empresa entrava em falência, conseguia continuar rico. Afinal, ele viera de um tempo em que empresa e dono eram a mesma coisa, e não antes separados, como pensa o direito brasileiro. Muitas vezes, ele pagava aos fornecedores com seu próprio talão de cheques, de pessoa física. Hoje, é só entrar no escritório Paes Mendonça, no Comércio, que se entende um pouco de seu caráter. Lá, sua foto em preto-e-branco, imponente, está espalhada por todas as salas. Aquilo não é apenas uma imagem. É o retrato de uma época. Para Mamede, a foto em preto-e-branco do patriarca, na sede da loja, era muito mais que uma homenagem. Era uma lembrança de um compromisso diário: honrar um sobrenome, por mais anônimo que ele fosse.

*Dado a excentricidades, seu Mamede era um milionário que primava pela simplicidade*





Reprodução/Evandro Veiga



Com o primário incompleto.



# ABC de Midas

Empresário sergipano só cursou até a 3ª série mas era exímio negociante

Ele esquentou as cadeiras da escola até o mísero terceiro ano primário, e por puro acidente. Acidente mesmo – isso não é uma metáfora. Quando era criança, Mamede ajudava seus pais na roça; um belo dia, tomou um quedão e quebrou o braço. Sentiu uma dor lancinante

ressoar no recanto mais profundo de sua alma. Como naquele fim de mundo ninguém conhecia gesso, só havia uma solução: o siso quebrado, tala no braço, descanso,

só, nada de enxada. E assim, a escola surgiu como um passatempo para o resguardo. Se não havia nada para fazer, por que não aprender o ABC e as operações básicas?

“Por causa desse braço quebrado, Mamede foi o filho que mais estudou”, lembra Maria da Costa Andrade – que é conhecida como Lourdes –, 82 anos, irmã caçula de Mamede. Embora a famosa quebra do braço seja citada por quase todas as pessoas que conheceram Mamede, ele próprio “esqueceu” de falar sobre isso em seu livro, o que pode nos fazer pensar que esse é apenas mais um dentre tantos mitos que compõem o personagem – ou não. Afinal, quando o assunto é Mamede, nunca se sabe. Mas um fato o empresário confirmaria: “A distância era muito grande na caminhada diária”. Todos os dias, ele andava cerca de 6km para chegar ao colégio. Às vezes, se cansava só de pensar na andata, e pedia um cavalo emprestado ao pai. A resposta era definitiva: – Cavalo é para trabalho, e não para a escola.

Não era má dade. Na cabeça dos pais de Mamede – Elisário e Conceição –, estudo era coisa para poucos; era para quem tinha dinheiro de investir na educação dos filhos e não se importava em colher os primeiros frutos apenas após a graduação. Naquela família, os frutos precisavam ser colhidos logo; cenoura, feijão, maçã, tudo isso apodrece rápido, muito rápido. Como seus irmãos, Mamede passou a infância trabalhando na lavoura; fez roça de feijão, algodão, milho e também mandioca. Torrava a farinha num tacho enorme, e no sábado, vendia na feira. “Gostava de ver aquele povo todo circulando em volta de mim, e eu fazendo o preço, pesando e botando o dinheiro no bolso”, di-

ria ele, anos depois.

Os pais de Mamede eram pessoas muito humildes, e àquela altura nem sabiam que tinham um talento muito peculiar: fazer filhos Midas do comércio; meninos que, futuramente, teriam habilidade de multiplicar grana como se as verdinhas nascessem mesmo em árvores. Dos 12 filhos do casal Elisário e Conceição, cinco viraram comerciantes de muito sucesso. Pedro Paes Mendonça, irmão de Mamede, fundaria a rede Bompreço, que futuramente subiria nas mãos de seu filho, João Carlos Paes Mendonça.

## Berço de talentos

O berço de todos esses talentos era justamente um pequeno sítio na Serra do Machado, um minúsculo povoado no minúsculo estado de Sergipe. É curioso que um homem como Mamede, cheio de superlativos e superpoderes de multiplicação de cifras, tenha nascido justamente em Sergipe, o menor estado do país. Já empresário bem-sucedido, ele chegaria a dizer que a Bahia deveria ceder alguma terra para seu vizinho caçula, e assim Sergipe ficar a maiorzinho.

Além da lavoura, durante sua infância Mamede também ajudou a criar, em pequena escala, carneiros, porcos e outros animais. “Ele tinha um rebanho de ovelhas, e as levava para comer no mato. De tarde, ia buscar as ovelhas e colocava tudo presa de novo”, explica Lourdes. Convivendo junto a tantos animais, deve ter visto, na prática, a veracidade do ditado engraçado: “de

grão em grão, a galinha enche o papo”. Começou catando pequeninas jabuticabas e cambucás – fruta nordestina que sotrava no pomar de seu Elisário. Mesmo nos dias santos, lá estava Mamede, catando os frutos que depois ocupariam as cestas da feira. “Ele repassava os cambucás para o feirante”, explica Lourdes. E assim, os frutos iam se transformando em níqueis reluzentes. Ele ia colocando os trocados embeixo do colchão. Depois de seis anos de poupança, juntou 1.200 réis. O irmão Euclides, um pouco mais econômico, poupou 1.500 réis. Mamede tinha 21 anos.

Com 2.700 réis, eles puderam montar um

negócio em conjunto. Era uma pequena padaria, na sede do distrito de Ribeirópolis, próximo à Serra do Machado. Logo às 3h da manhã, Mamede tinha que deixar o conforto do seu cobertor, esfregar as mãos nos olhos meio fechados, soltar algum resmungo imperceptível, deixar o sono sobre a cama e ir ao trabalho. Naquela época, a cozinha funcionava à base de toras de madeira; o pão assava, e as crispas em brasa voavam do forno a lenha com vagalumes agitados.

Primeiro, Mamede espalhava o pó de farinha pela mesa e preparava a massa do pão. Aos poucos, a massa começava a ganhar aquela consistência meio elástica, meio mole,

que costuma encantar qualquer criança. Depois, Mamede cortava a massa, cilindava e colocava no forno para assar. Às cinco e meia da manhã, o cheiro bom de pão quente já saía pelas frestas das portas e janelas da padaria. Era hora de abrir as portas e esperar o cliente chegar ao balcão. À venda, também havia biscoitos caseiros e outros gêneros alimentícios.

Aos poucos, o movimento matinal começava. O freguês chegava, dava seu bom-dia interiorano, chamava Mamede pelo nome, e também recebia o mesmo cumprimento. Saía satisfeito, com o saco pardo de pão esquentando as mãos. Com a freguesia fiel, tudo também caminhava muito bem na vida de seu Mamede. Até o dia em que a nuvem do medo pairou bem em cima da padaria. Foi quando um freguês hesperado apareceu por lá.

*Na sua máquina registradora, calculou as cifras que mais tarde, num passo em falso, acabou por perder*



Evandro Veiga